

ATÉ ONDE TENHO LIBERDADE?

SÉRIE: I CORÍNTIOS

CÓDIGO: 227020
 TEXTO: I Co 8
 PRELETOR: Fernando Leite
 DATA: 19/09/2004
 MENSAGEM 20

INTRODUÇÃO

Observe o seguinte convite:

Chaeremon o convida a jantar à mesa do Senhor Serapis no Serapeion amanhã, dia 15, às 9 horas

Aparentemente não existe nada de errado em um convite como esse, muito comum na cidade de Corinto naquela época. *Chaeremon* é o nome do cidadão; *Serapis*, precedido por Senhor, expressão muito utilizada em grego para descrever uma autoridade, era um deus híbrido, formado por um deus egípcio e outro grego; e *Serapeion* era o templo do deus *Serapis*, onde o evento teria lugar. Para imaginar um pouco o peso desse convite naquela época, imagine se hoje você recebesse algo semelhante ao seguinte:

Festa de debutante: Convido a todos para o aniversário de 15 anos de Rosa de Omulu, membro de Candomblé, a realizar-se no dia 15/09/2004 no Ilê Asé Alaketu Omo Ogum Laylay do pai João de Ogum.

Você vai a uma festa dessas? Um cidadão coríntio deveria ir àquele jantar? No nosso cotidiano, ainda que de maneira bem pequena, nós temos relação com esse tipo de situações. Por exemplo, você pode estar na Bahia, morrendo de vontade de comer um acarajé, mas também sabendo que a maioria daquelas mulheres, antes de preparar o acarajé, fazem uma oferta aos orixás.

Pode acontecer também que você, sendo do interior, adore uma boa festa caipira, enquanto que para outros isto significa uma devoção a São João já que, em muitas delas, encontramos um altar. Você acha que é conveniente para um crente comer esse acarajé ou ir a essa festa?

Existem nas Escrituras muitos assuntos sobre os quais há uma clareza no que é certo e no que é errado. Entretanto, outros assuntos não estão tão evidentes nas Escrituras, sendo a resposta às perguntas feitas anteriormente um desses assuntos.

ENTENDENDO O PROBLEMA

A sociedade de Corinto

O apóstolo Paulo inicia o capítulo 8 da sua primeira carta aos coríntios tratando de um novo assunto, como lemos no versículo 1: **Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica.** Essa expressão utilizada por ele, “com respeito a”, sempre introduz a resposta a uma pergunta. Nesse caso específico, são questionamentos sobre o alimento sacrificado aos ídolos. Os coríntios daquela igreja queriam saber se poderiam ou não comer esse tipo de comida, assim como onde deveriam ou não ir. À primeira vista, a resposta parece ser bastante simples, porém, ao observarmos a realidade daquele povo, percebemos que essa era uma decisão complexa. Para entendermos melhor toda esta situação, vamos analisar como era a sociedade corintiana, em geral, naquela época. Em primeiro lugar, aquela era uma sociedade **politeísta**, ou seja, eles criam na existência de vários deuses, cada um tendo uma responsabilidade específica ou um determinado campo de ação apenas, como no amor, na justiça ou na arte. De certa maneira, este quadro se assemelha ao quadro católico romano, onde há a existência de santos, cada um protegendo um certo tipo de pessoas ou de situações.

Além de politeístas, eles também eram **animistas**. Isso significava que eles acreditavam que a atmosfera estava cheia de espíritos e demônios, os quais buscavam oportunidades de entrar na vida das pessoas, sendo a maneira mais fácil de fazer isso através da comida. Por esta razão, para aplacar a ação desses espíritos demoníacos, é que eles realizavam festas de adoração e entregavam ofertas, que normalmente consistiam em alimentos. Um adorador costumava dividir sua oferta em três partes: uma parte era queimada em sacrifício à divindade; outra parte era comida pelo próprio adorador e, muitas vezes, por outras pessoas também que estavam reunidas em festa, e a maior parte ficava com o sacerdote. Entretanto, a comida dessa terceira parte era tanta, que o sacerdote costumava passá-la para outras autoridades e vender o excedente no mercado por um valor comercial alto, uma vez que aquela comida havia sido purificada. Ora, estar em Corinto no primeiro século envolvia, logicamente, idas diárias ao mercado, onde as pessoas

compravam constantemente carnes e outros alimentos que haviam sido ofertados aos ídolos. Para muitos, comer esse tipo de comida era algo absolutamente inevitável.

Os cristãos de Corinto

Do outro lado, temos a realidade da igreja de Corinto. Em I Coríntios 1.12 lemos: *Com isso quero dizer que algum de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”; ou “Eu sou de Apolo”; ou “Eu sou de Pedro”; ou ainda “Eu sou de Cristo”.* Aquela igreja estava totalmente dividida em partidos. Certamente, naquela comunidade, havia pessoas de **fundo judaico** que, por natureza, não podiam comer qualquer tipo de comida. Essa situação persiste até os dias de hoje se pensarmos, por exemplo, que um frigorífico que atenda a uma comunidade ortodoxa passa por procedimentos que a lei judaica exige e pelo consenso de rabinos. Assim, aquela comida que era oferecida no mercado, de modo algum poderia ser comida por um judeu, uma vez que era fruto de idolatria, não havia sido dado o seu dízimo e o animal, quando se tratava de uma carne, não havia sido morto de maneira adequada. Estavam presentes naquela igreja também convertidos que eram rigoristas judaicos, mas não necessariamente judeus. Isto é, eles conheciam bem a determinação do conselho de Jerusalém sobre este assunto. A igreja de Jerusalém havia enfrentado a mesma situação e acabou por dar um parecer de não comer comida sacrificada a ídolos, como lemos em Atos 15. 28, 29: *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: 29 **Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas.**“Que tudo lhes vá bem”.*

Havia ainda o grupo de novos convertidos, **provenientes do paganismo**. Eles, naturalmente, associavam a comida às divindades pagãs que, durante tanto tempo, eles adoraram. Portanto, na mente deles, ainda estava presente o conceito de que, se eles comessem determinados alimentos, eles seriam contaminados e isso afetaria o seu cérebro. Um outro grupo presente naquela igreja era dos absolutamente despreocupados, aqueles que consideravam que aquilo era apenas comida, não havendo qualquer problema em se comer nada. Por fim, o quarto grupo ali presente, e ao qual o apóstolo Paulo se dirige nesses versículos, eram os maduros na fé, em termos de conhecimento, e que sabiam perfeitamente que não havia mal nenhum em comer aquele tipo de comida ou em ir a um templo como o mencionado no convite. Essas pessoas tinham suas convicções fundamentadas em bases teológicas e eram capazes de argumentar e vencer uma discussão.

LIBERDADE ABSOLUTA EM CRISTO

Na nossa passagem de estudo, encontramos dois discernimentos que Paulo apresenta, os quais precisamos levar em consideração para tomar decisões que agradem a Deus, quando se tratam de assuntos sobre os quais as

Escrituras não são tão específicas. Esses dois discernimentos foram necessários à igreja de Corinto e, mesmo que nossa situação atual não seja tão dramática quanto a deles, existem várias situações pelas quais passamos onde podemos considerá-los e aplicá-los. O primeiro discernimento refere-se ao fato de liberdade que temos em Cristo ser absoluta. Todos nós temos essa liberdade e o povo da igreja de Corinto, pelo menos parte dele, tinha consciência disso. Paulo nos diz no versículo 1 de nossa passagem de estudo: *Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, **sabemos que todos temos conhecimento.** O conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica.* Ele sabia que aquelas pessoas tinham esse conhecimento e, provavelmente, quando diz “todos nós temos conhecimento”, é porque alguns sabiam da sua posição e queriam que ele a defendesse. As Escrituras sempre valorizam o conhecimento. O profeta Oséias, em 4.6 diz: *Meu povo foi destruído por **falta de conhecimento.** “Uma vez que vocês rejeitaram o conhecimento, eu também os rejeito como meus sacerdotes; uma vez que vocês **ignoraram a lei do seu Deus,** eu também ignorarei seus filhos.* Aqui é apresentado claramente que o conhecimento era algo fundamental e que a falta dele implicava em condenação. O próprio Senhor Jesus também disse, em Mateus 22. 29: Jesus respondeu: *“Vocês **estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus!**”*A base do erro começa na falta de entendimento das Escrituras.

O plano de Deus não é que nós permaneçamos na ignorância, mas que saibamos e conheçamos Sua Palavra. Muitos dos que ali estavam, assim como Paulo, tinham esse tipo de conhecimento, sendo por isso que lemos no versículo 4: *Portanto, em relação ao alimento sacrificado aos ídolos, **sabemos que o ídolo não significa nada no mundo e que só existe um Deus.*** Ainda que houvesse um ídolo envolvido naquela festa, isso não representava nada, ou melhor, ele não era nada. Há a realidade material da arte envolvida, é uma criação humana e, possivelmente, poderia até existir uma inspiração demoníaca por trás daqueles ídolos, mas de modo algum eles eram deuses. No versículo 5, também é dito: *Pois, mesmo que **haja os chamados deuses,** quer no céu, quer na terra (como de fato há muitos “deuses” e muitos “senhores”).* Eles eram somente chamados deuses, mas não o eram de fato. Nessas enganações, ainda que não fossem deuses, é muito provável que alguns demônios estivessem presentes, aproveitando-se da idolatria e da ignorância daquele povo. Isso havia sido alertado nas Escrituras em Deuteronômio 32.17: ***Sacrificaram a demônios que não são Deus, a deuses que não conheceram, a deuses que surgiram recentemente, a deuses que os seus antepassados não adoraram.*** Paulo, em I Coríntios 10.21, também fala sobre isso: *Não! Quero dizer que **o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios.***

Aquelas pessoas sabiam também que, em meio àquela sociedade politeísta, só havia um deus. No versículo 6 é dito: *para nós, porém, há um único Deus, o Pai, de quem vêm*

todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos. A linguagem de Paulo é clara ao afirmar que não existia divindade naquelas festas, uma vez que só existe um Deus. Isso podia até escandalizar alguns coríntios, já que eles acreditavam numa diversidade de deuses, cada um com suas responsabilidades, mas Paulo era contra essa idéia.

O versículo 6 também nos fala da característica de nosso Deus, de quem vieram todas as coisas e a quem devemos focar nossas vidas. Tudo não apenas veio de Deus e são para Sua glória, como também ocorreram por intermédio de Seu filho Jesus Cristo. Nós fomos resgatados, comprados, temos vida espiritual e somos filhos de Deus por causa da obra do nosso Senhor Jesus. Portanto, se existe apenas um Deus, todas as outras opiniões e coisas são inaceitáveis. O apóstolo diz no versículo 8: *A comida, porém, não nos torna aceitáveis diante de Deus; não seremos piores se não comermos, nem melhores se comermos.* A comida que você come, ainda que tenha sido sacrificada a ídolos, não interferirá na sua vida espiritual, e muito menos ajudará ou atrapalhará você. Esse mesmo conceito nos é dado pelo Senhor em Marcos 7.15: *Não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo 'impuro'.* Paulo também fala em I Timoteo 4.4: *Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças.* Ele sabia, assim como alguns coríntios, que não havia contaminação espiritual. É possível você negligenciar comendo pois a glotonaria, por exemplo, é pecado. Ou então, se você é alérgico a algum alimento, sabe que é prudente não comê-lo. Entretanto, comer um determinado alimento que tenha sido sacrificado a ídolos, nisso não há problema nenhum.

LIBERDADE LIMITADA POR AMOR AO MAIS FRACO

O conhecimento traz orgulho...

O segundo discernimento que devemos considerar é a limitação da liberdade por amor ao mais fraco. Numa comunidade como a IBCU, onde muitos provêm de um meio acadêmico, a grande vontade, assim como ocorria na igreja de Corinto, é estar com a razão. No entanto, o apóstolo Paulo questiona o que, de fato, significa ter razão ou quais são as implicações disso. Você pode ter se dedicado para entrar na faculdade ou se esforçado para completá-la mas, sinceramente, o que isso representa? MacCarthur definiu o que é conhecimento da seguinte maneira: *Processo de passar do estado de ignorância inconsciente para o estado de ignorância consciente.* O tanto que você já estudou na sua vida não o fez perceber o quanto você é ignorante e quantas coisas mais tem ainda para estudar? Todavia, por outro lado, há aqueles que, tendo uma visão equivocada do que aprendem, agem como reis. No versículo 2, quando o apóstolo Paulo diz “quem pensa ter conhecimento”, ele refere-se àquelas pessoas da igreja de Corinto que tinham convicções

claras mas, uma vez que baseavam-se apenas nessa sua capacidade de argumentação, elas não conheciam tudo o que deveriam conhecer: *Quem pensa conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria.*

No versículo 1, lemos: *Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica.* A pessoa que está se baseando nas suas oportunidades de estudo e no conhecimento que adquiriu, pode estar vivendo em soberba e sem saber o quanto a humildade enaltece. Aqueles crentes de Corinto sabiam a verdade, mas não eram capazes de se relacionar com os outros; eles sabiam o que era certo, mas não processavam essa questão num ambiente onde as pessoas não pensavam tal como eles. No ambiente da igreja, encontramos várias vezes pessoas discutindo opiniões, podendo mesmo se dividir por conta disso. Na verdade, a principal razão pela qual igrejas se dividem hoje em dia não é por opiniões diferentes e sim pela incapacidade de tratar e de se relacionar com pessoas que pensam de maneira diferente. Entenda que não existem mais razões possíveis, em termos de doutrina e ideologia, que justifiquem uma divisão: elas ocorrem devido à incapacidade daqueles que não aprenderam a conviver com os outros. Em Efésios 4.15, lemos: *Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.* A verdade e o conhecimento têm que ser considerados, porém têm que estar acompanhados de amor, como o apóstolo também diz no final do versículo 1: *...mas o amor edifica.* Só o conhecimento traz orgulho e satisfação pessoal, mas aquele que conhece o que Deus realmente quer, e sabe o quanto o amor é importante, essa pessoa gerará edificação no corpo e não divisão. É por isso que lemos no versículo 3: *Mas quem ama a Deus, este é conhecido por Deus.* Por mais que seja relevante possuir conhecimento, você não será avaliado por Deus apenas por isso. Ele conhece aquele que O ama.

Com relação a Corinto, lemos no versículo 7: *Contudo, nem todos têm esse conhecimento. Alguns, ainda habituados com os ídolos, comem esse alimento como se fosse um sacrifício idólatra; e como a consciência deles é fraca, fica contaminada.* Havia pessoas convertidas recentemente e ainda não haviam se livrado da cosmovisão pagã, achando que *Serapis* era realmente um deus e que eles poderiam contaminar-se com aquela comida. O versículo 7 nos diz que eles tinham a consciência fraca, enquanto que no 10 lemos: *Pois, se alguém que tem a consciência fraca vir você que tem este conhecimento comer num templo de ídolos, não será induzido a comer do que foi sacrificado a ídolos?* Aquelas pessoas sentiam-se condenadas e sua consciência estava sempre doída. Em Romanos 14.22, 23, Paulo fala também sobre isso: *Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova. 23 Mas aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.* Se duas pessoas estão diante de um convite como o mencionado inicialmente, uma delas achando que não há problema em ir à festa e a outra, por ter consciência fraca,

achando que é problemático ir, e a primeira pessoa convencer a segunda a ir à festa, isso lhe fará mal já que ela estará indo contra sua própria consciência. Naquela igreja existiam pessoas que, dada a sua consciência fragilizada e sua falta de conhecimento, considerariam um choque algum presente naquele jantar. Sendo assim, o apóstolo Paulo nos diz que, antes de considerarmos a nossa própria liberdade, precisamos considerar a liberdade espiritual do mais fraco, que não tem as mesmas convicções do que nós.

... mas o amor edifica

Comer ou não, ir à festa ou não, são coisas absolutamente secundárias em si mesmas. Entretanto, ao contrário, Paulo diz no versículo 9 da nossa passagem: *Contudo, tenham cuidado para que o exercício da liberdade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos.* Talvez a sua tendência seja querer conscientizar aqueles que são fracos e mostrar-lhes o quanto eles estão errados e que podem comer e ir onde quiserem. Isso não é o que o apóstolo Paulo faz. Este capítulo da carta é direcionado ao grupo de cristãos que sabe de suas liberdades para, através deles, atingir os mais fracos e preservá-los para que não tropecem. Ainda que você tenha toda a sua liberdade e suas convicções, você precisa ter cuidado com a maneira como coloca o que faz pois, mesmo que tenha a aprovação das Escrituras, deve cuidar para não ser uma pedra de tropeço para o irmão mais fraco. É exatamente o que o apóstolo Paulo disse: o conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica. Há momentos em que não devemos discutir nossa opinião, mas apenas servir e amar. Se você não é capaz de fazer isso, significa que você ainda não aprendeu como deveria, tal como lemos em Romanos 15.1, 2: *Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. 2 Cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a fim de edificá-lo.* Uma pessoa é reconhecidamente madura não pelos seus conhecimentos, mas porque o seu foco está em agradar e edificar o próximo.

No versículo 11, é dito: *Assim, esse irmão fraco, por quem Cristo morreu, é destruído por causa do conhecimento que você tem.* É bobagem querer que pessoas fracas na fé, novos convertidos, tenham as mesmas convicções do que você e desfrutem da mesma liberdade. Você precisa preservar essas pessoas e não a sua própria liberdade. O próprio Cristo morreu por todos nós, abrindo mão da Sua santidade e de Seus direitos, fez-se homem, foi tratado injustamente e morreu por nós. No versículo 12 lemos: *Quando você peca contra seus irmãos dessa maneira, ferindo a consciência fraca deles, peca contra Cristo.* Consideremos, por exemplo, o caso de bebidas alcoólicas. Eu creio, em absoluto, que as Escrituras não proibem o uso de bebida alcoólica, mas apenas o seu uso exagerado ou a embriaguez. Você pode

compartilhar da minha convicção mas, alguém novo na fé, que frequenta o seu grupo, tem uma opinião totalmente diferente, decorrente até de fatores pessoais como um pai que fora alcoólatra. O que você faz quando descobre isso? Não é o caso de mostrar suas convicções e sim de priorizar a saúde espiritual e a edificação dessa pessoa. Se você não fizer isso, estará pecando não apenas contra essa pessoa, ao ferir suas crenças espirituais, mas também pecando contra Cristo. Você quer ser responsável por isso?

Tal como nos é dito no versículo 13 também, nossa liberdade é secundária: *Portanto, se aquilo que eu como leva o meu irmão a pecar, nunca mais comerei carne, para não fazer meu irmão tropeçar.* O sinal de um cristão maduro é saber abrir mão daquilo que não é relevante para sua saúde espiritual. O mundo cristão de nossos dias, de certa maneira, divide-se em dois grupos totalmente extremos. Numa extremidade estão os legalistas, ou seja, aqueles que, ainda que as Escrituras não digam o que é certo ou errado sobre determinado assunto, entendem que suas opiniões são suficientes e adaptam as Escrituras às suas convicções. Eles acabam por abafar não apenas a consciência que Deus nos deu, mas também o espírito que rege nossa consciência. No outro extremo estão os licenciosos, para quem não existem áreas cinzentas. Alguns chegam a dizer que podemos fazer de tudo e usam sua liberdade como bem entendem. É a esse grupo de cristãos que Paulo se dirige, dizendo que precisamos considerar nossos atos, não tanto para mostrar conhecimento, mas por amor ao próximo.

REFLETINDO

Você vai ou não naquele aniversário de 15 anos? Você vai ou não comer acarajé? Você vai ou não tomar o vinho? Sempre que você estiver para decidir coisas sobre as quais as escrituras não falam diretamente, você terá que responder em função do que já conhece da Palavra e por amor ao mais fraco. Lembre-se sempre que em Cristo nós temos liberdade para fazermos aquilo que Ele não nos proibiu de fazer. Porém, se você é uma pessoa madura e responsável perante Deus, saiba que esse conhecimento não será o parâmetro diante de Deus. O parâmetro é o que a sua prática está fazendo na vida de outras pessoas, que são fracas na fé. Reflita nas seguintes perguntas, para decidir o que fazer ou como usar a sua liberdade:

- 1 – O que você faz é algo realmente necessário ou é secundário?
- 2 – O que você faz é algo conveniente?
- 3 – Cristo faria isso?
- 4 – Isso é um bom exemplo para as outras pessoas?
- 5 – Isso é algo que edifica?
- 6 – Isso é algo que glorifica a Deus?